

A História do Teatro nos Rodapés de *A Notícia*: crônicas de Artur Azevedo

Larissa de Oliveira Neves*

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar as crônicas teatrais de Artur Azevedo, intituladas “O Theatro” e publicadas semanalmente no jornal *A Notícia*, entre os anos de 1894 e 1908. Nas crônicas, o autor, além de criticar os espetáculos em cartaz, traçou um fiel panorama do dia-a-dia do meio teatral, com informações sobre os costumes da população e as dificuldades vivenciadas pela gente de teatro. Apesar de seguirem uma temática definida (o teatro), as crônicas apresentam, em diversos momentos, comentários sobre outros assuntos de relevo à época, como as reformas urbanas do Rio de Janeiro, os problemas com os meios de transporte, as novas formas de divertimento que surgiam, além de referências à vida pessoal do autor. A coleção, que totaliza cerca de 680 textos, vem a público pela primeira vez no livro *O Theatro: crônicas de Arthur Azevedo*, patrocinado pela Petrobras e pelo Ministério da Cultura.

Palavras-Chave: Artur Azevedo; Crônicas teatrais; História do teatro brasileiro

Abstract: This paper presents Artur Azevedo’s theatrical chronicles, entitled “The Theater” and published weekly in the newspaper *A Notícia (The News)*, between the years of 1894 and 1908. In his chronicles, the author, besides criticizing the plays, delineated a faithful sketch of the artists routine, with information about the people’s habits and the difficulties experienced by the theater professionals. Despite following a defined subject (the theater), the chronicles presents, in several moments, remarks about other important matters, for example, the Rio de Janeiro’s urban reconstruction, the problems with the public transportation, the new kinds of entertainment, and constant references to the author’s personal life. The collection, that totalizes about 680 texts, is published for the first time, in the book *O Theatro: crônicas de Arthur Azevedo*, sponsored by Petrobras and Ministry of Culture.

Key-words: Artur Azevedo; Theatrical chronicles, Brazilian theater’s history

1. Apresentação

Este estudo integra o projeto “Resgate, preservação e divulgação das crônicas teatrais de Artur Azevedo”, patrocinado pela Petrobras, com apoio do Ministério da Cultura, que visa à publicação da coleção completa das crônicas intituladas “O Theatro”, escritas semanalmente por Artur Azevedo para o jornal *A Notícia*, entre os anos de 1894 e 1908.

O conjunto de cerca de 680 crônicas vêm a público em forma de Cd-Rom, numa reprodução idêntica ao original, ou seja, em transcrição diplomática. Acoplado a um livro em homenagem ao autor pelo centenário de seu falecimento, o material é indicado como fonte de pesquisa relacionada à história de diversos segmentos de nossa cultura, em especial o teatro, a literatura, a cultura e a sociedade. O livro comemorativo, enriquecido por uma extensa

* Professora Doutora do Departamento de Artes Cênicas, da Unicamp. Projeto patrocinado pela Petrobras e pelo MinC.

pesquisa iconográfica, apresenta dois estudos redigidos pelas organizadoras do volume: uma introdução, voltada principalmente para a atividade jornalística de Artur Azevedo, escrita pela professora Orna Messer Levin; e um ensaio, elaborado por mim, sobre o conteúdo das crônicas, de modo a guiar o leitor pela imensidade de temas comentados pelo cronista em seu rodapé.

Procuró resumir, neste curto artigo, as características principais dos folhetins, de modo a apresentar ao pesquisador de História a imensa gama de informações passíveis de serem aproveitadas em estudos sobre o teatro e a cultura brasileira da virada do século.

2. As crônicas

Durante quatorze anos, de 20 de setembro de 1894 a 12 de outubro de 1908, os leitores do vespertino *A Notícia* deparavam-se, toda quinta-feira, com um rodapé bem humorado, em que as notícias teatrais serviam de base para um saboroso folhetim. Na primeira crônica, Artur Azevedo escreveu:

Destina-se esta seção que aparecerá regularmente às quintas-feiras, a trazer os leitores da Notícia, a par o movimento dos nossos teatros. Quando estes não me depararem assunto suficiente para encher as necessárias tiras de papel – o que naturalmente sucederá muitas vezes – recorrerrei aos estados e ao estrangeiro. Em todo caso, o Teatro será o objeto exclusivo e obrigado destas crônicas. (AZEVEDO, 2009: 20/09/1894)

Embora afirmasse que o teatro era “o objeto exclusivo e obrigado destas crônicas”, o comediógrafo muitas vezes comentava, a pretexto do teatro, outros assuntos e acontecimentos em voga à época. Bem ao estilo dos folhetins do século XIX, ele, em geral, incluía, num mesmo artigo, assuntos diversos, separados apenas por asteriscos. Raros são os textos voltados integralmente a um único assunto.

De modo geral, podemos dividir a temática de “O Theatro” em dois grandes grupos, que se revezavam no espaço do jornal: as opiniões teóricas e críticas relativas especificamente ao teatro; e os comentários sobre assuntos gerais que Artur Azevedo inseria nas crônicas.

3. Assuntos gerais

Dentre os comentários que fogem, embora nunca inteiramente, à temática principal, podemos citar: o mau funcionamento dos bondes; a falta de estrutura da Capital Federal, que se agravava nos tempos de chuva; a inação dos governantes frente aos problemas da cidade;

as festas populares; as diversões; a ação do policiamento; além de numerosos episódios sobre a vida pessoal de Artur Azevedo.

Ainda que, nesses casos, o escritor não dirigisse seus comentários a assuntos relativos à vida teatral, ele sempre lograva associar essas referências externas ao tema “exclusivo” dos folhetins. Quando reclamava dos problemas envolvendo os precários meios de locomoção da cidade, por exemplo, invocava as dificuldades que as pessoas enfrentavam para conseguir chegar de suas casas até os teatros.

Uma das causas do afastamento do público dos nossos teatros são as maçadas a que obrigam as dificuldades de condução. Dantes, para evitar a demora do bonde, as famílias voltavam de carro, os cavalheiros de tilburi, e isso não lhes custava um grande sacrifício. Hoje só as pessoas abastadas podem rouler voiture; os cocheiros de praça tornaram-se de uma exigência feroz, e sustentam que depois de certas horas da noite não há tabela: o preço é o que eles quiserem – e não há nada mais desagradável que discutir com cocheiros. Não há muito tempo, tendo eu perdido o último bonde de Santa Teresa, um deles teve o descoco de me pedir cinqüenta mil réis para trazer-me à casa. Escusado é dizer que vim a pé. (AZEVEDO, 2009: 02/02/1907)

As anedotas em primeira pessoa e os comentários sobre os assuntos externos ao teatro, entremeados à crítica teatral, tornam o texto leve e descontraído. Essas passagens aumentam a proximidade entre leitor e cronista, porque transmitem a sensação de que o leitor faz parte da vida do escritor, como um amigo a quem ele narra as passagens interessantes de seu cotidiano. Por meio do estilo ameno, típico da crônica jornalística, deparamos com um panorama do dia-a-dia da vida no Rio de Janeiro, que, não obstante o caráter não documental, é capaz de revelar todo um período de nossa história.

O autor também utiliza o tom alegre e cômico, muitas vezes irônico, tanto na crítica aos textos dramáticos e aos espetáculos, quanto nas polêmicas travadas com outros jornalistas e escritores.

4. Dados informativos

A leitura das crônicas fornece, além das anedotas que figuram como uma porta de entrada para o passado, dados informativos mais acurados, nos quais podemos nos basear para reconstruir as estruturas de alguns segmentos da sociedade brasileira de então, em especial aqueles ligados à vida teatral e artística. Os comentários de Artur Azevedo demonstram que ele não só assistia aos espetáculos teatrais, como compete a um crítico, mas também conhecia a fundo o dia-a-dia das empresas; por isso, as informações sobre o cotidiano do mundo teatral são bastante precisas.

O cronista não raro apresentava, junto à crítica propriamente dita, informações sobre a troca de atores entre companhias, os gastos despendidos nas produções, as dificuldades enfrentadas na preparação de cada espetáculo, o tempo gasto com os ensaios, as brigas e discussões entre os artistas etc. Nas representações dos textos de sua autoria, os dados são ainda mais precisos, porque ele acompanhava de perto os ensaios, a fim de garantir que tudo saísse conforme as suas expectativas de escritor dramático.

Portanto é possível, pela leitura de “O Theatro”, acompanhar semana a semana a atividade teatral do Rio de Janeiro: quais as companhias em atividade, as peças encenadas, os textos escritos ou traduzidos; como foi a recepção de público e de crítica; quais atores iniciavam suas carreiras, se aposentavam ou morriam; quem eram os cenógrafos, os músicos, os ensaiadores, os empresários de cada peça. Um pesquisador que esteja estudando um determinado artista ou personalidade, por exemplo, Dias Braga, ou Brandão, ou Lucília Peres, pode acompanhar sua atividade no decorrer dos anos, pela leitura das crônicas.

Ao final de cada coluna, geralmente Artur Azevedo redigia um rápido panorama sobre os acontecimentos teatrais da semana, com informações acerca das peças em cartaz, das próximas estréias, das companhias que chegavam ou partiam, dentre outros. O seguinte trecho, da crônica de 19 de setembro de 1895, exemplifica o quanto a vida teatral no final do século era movimentada. O autor menciona cinco teatros e uma companhia de partida para São Paulo:

No Recreio deu-nos a excelente companhia Sousa Bastos nova edição do Burro do Sr. Alcaide, com o ator Joaquim Silva no impagável papel do boticário Maduro, e com o ator Alfredo de Carvalho no do alcaide, que foi agora representado como ainda o não tinha sido em Portugal nem aqui; no Lucinda tivemos o Naufrágio da fragata Meduza, por alguns artistas da companhia Dias Braga; no Santana está anunciada para amanhã uma reprise do Gato Preto, a famosa mágica arranjada por Eduardo Garrido, com a qual ganhou uma fortuna o inteligente empresário Guilherme da Silveira.

Está reorganizada a companhia do Eden-Lavradio, cuja empresa contratou para ensaiador o velho Jacinto Heller; o tenor Oyanguren trata da organização de uma companhia de opereta para o Teatro Nacional, que voltará a ser a Fênix Dramática; Ismênia dos Santos e Dias Braga estão, segundo consta, ligados para dar uma série de espetáculos em S. Paulo, levando consigo outros artistas. E com tão insignificantes notícias fecho o meu folhetim, escrito sob a pressão de uma enxaqueca terrível, que desde ontem me atormenta e me obrigou a flautear hoje o País¹. (AZEVEDO, 2009: 19/09/1895)

¹ Artur Azevedo escrevia crônicas diárias, intituladas “Palestra”, no jornal *O País*, durante o mesmo período em que contribuía com *A Notícia*.

5. A proteção aos artistas

Para estudos mais estritos, relativos a determinados espetáculos teatrais ou à figura marcante do intelectual Artur Azevedo, as crônicas apresentam as opiniões do comediógrafo a respeito de praticamente todas as estréias. Nesses artigos, ele emitia seus pontos de vista sobre todos os elementos de encenação, desde o texto até a música e a cenografia.

No julgamento dos atores prevalecia um tom paternalista, de constante incentivo e proteção: as críticas negativas caminhavam lado a lado aos conselhos. A partir das observações do folhetinista, defrontamo-nos com o lado menos glamouroso na profissão; afinal, a vida de um artista de teatro em fins do século XIX não era nada fácil, como ainda hoje não o é: a instabilidade financeira, a posição periférica que ocupavam dentro da sociedade e o preconceito tornavam bastante dura a sobrevivência dos profissionais do teatro.

Artur Azevedo sabia disso. Assim, utilizava sua influência e sua pena para tentar modificar a situação marginalizada dos artistas. Em seus escritos jornalísticos, destacava a todo momento a seriedade e a honestidade dos principais profissionais de teatro que atuavam no Brasil. Ajudava, outrossim, a promover os benefícios em prol de artistas e esteve à frente de várias sociedades que prestavam auxílio aos artistas, em especial a Caixa Beneficente Teatral².

6. A crítica aos atores

As críticas relativas à interpretação seguiam um padrão direto e sucinto. Com poucas palavras, o cronista descrevia o desempenho de cada ator e fundamentava seus comentários no conhecimento pessoal obtido por meio da convivência junto ao mundo artístico. Sabendo quanto tempo os artistas tiveram para ensaiar, quais deles decoraram seus papéis, quais se esforçaram durante os ensaios e quais foram negligentes, ele podia julgar os desempenhos não só pelos resultados visualizados no palco, mas também pela medida relativa entre a atuação e a diligência durante o processo de preparação do espetáculo. Essas observações, somadas aos anos de experiência, em que acompanhou o desenvolvimento da carreira de muitos atores, compunham o alicerce de seus julgamentos relativos às interpretações.

Neste trecho, por exemplo, da crônica de 10 de fevereiro de 1907, elogiou um ator pelo bom trabalho executado, tendo em vista o pouco tempo de preparação: “O ator Cesar de Lima fez um verdadeiro *tour de force* estudando e representando em meia dúzia de dias, sem dar motivo a grandes reparos, o papel do conde de Cornisky.” (AZEVEDO, 2009:

² Entidade que coletava doações para ajudar artistas enfermos, pagar enterros e ajudar familiares e viúvas de artistas, quando em dificuldade financeira.

10/02/1907). Já nos excertos seguintes, lamentou a falta de entusiasmo e de preparação dos atores, que perturbou o bom andamento dos espetáculos: “Pepa estava visivelmente contrariada: representou como se ensaiasse, e Brandão não quis pôr em contribuição sua *verve* opulenta.” (AZEVEDO, 2009: 24/01/1899); “Mas os atores não sabiam os papéis, e a representação, devendo ser viva, foi arrastada e monótona.” (AZEVEDO, 2009: 13/02/1902)

Severo quando o artista não se aplicava o suficiente ao seu ofício, Artur Azevedo tornava-se bastante benevolente e, principalmente, incentivador quando a má atuação nascia não da preguiça, mas da falta de experiência ou de orientação. Nesses casos, apontava os erros involuntários, cometidos não por desmazelo, mas por falta de conhecimento ou habilidade, de maneira a não desanimar os atores; pelo contrário, indicava os caminhos de aperfeiçoamento e incentivava o profissional, como podemos comprovar pelo seguinte trecho: “O dificultoso papel de Alvarez foi confiado ao ator Eduardo Vieira, a quem não faltam aptidões que devem ser aproveitadas, e se-lo-ão desde que ele contenha sua exuberância de gestos, não precipite o que tenha a dizer e module a voz que a possui quente e sonora.” (AZEVEDO, 2009: 26/03/1896)

7. Concepções teóricas: a situação do teatro brasileiro

“O Theatro” funcionava também como um veículo de divulgação das ideias teatrais de Artur Azevedo. Suas concepções teóricas, freqüentemente expressas e defendidas nas linhas de *A Notícia* estavam associadas à situação do teatro brasileiro da época ou às teorias relativas ao teatro ocidental como um todo, discutidas com frequência pelos intelectuais do Brasil nas chamadas polêmicas³ entre escritores.

Em relação ao teatro brasileiro, o autor comentava constantemente o valor do teatro popular encenado pela maioria das companhias, que dependiam da bilheteria para sobreviver. Por um lado, defendia o teatro musicado, popular, de qualidade — praticado por ele — das severas críticas expressas pela maioria dos intelectuais. Havia uma rigorosa hierarquização entre os gêneros considerados literários e superiores pelos literatos (tragédia, drama, alta comédia e ópera) e o tipo de teatro que agradava à população e possibilitava um retorno financeiro aos empresários (a opereta, a revista de ano e a mágica). Por outro lado, Artur Azevedo reclamava do pequeno espaço aberto, dentro do teatro comercial, para os dramas e as comédias “sérias”, considerados superiores inclusive por ele.

Sobre as revistas de ano, escreveu na crônica de 5 de março de 1896:

³ Chamavam-se “polêmicas” as disputas que os intelectuais empreendiam em suas colunas jornalísticas, sobre diferentes temas. Havia réplica, tréplica, *ad infinitum*, sobre determinados assuntos controversos.

Nem eu estou arrependido de as ter escrito, nem creio que de qualquer forma contribuíssem elas para que se não levantasse o teatro nacional. Se o gênero foi deturpado por alguns escritores bisonhos ou ineptos, não me cabe nisso a menor culpa. Em todas quantas escrevi, sozinho ou de colaboração com Moreira Sampaio, Aluísio Azevedo e Lino de Assunção, há – quer queiram, quer não queiram – certa preocupação de arte que as separa de algumas baboseiras que sob o nome de revistas de ano se têm exibido em os nossos teatros, e para as quais não há classificação possível em nenhuma categoria da produção dramática. (AZEVEDO, 2009: 05/03/1896)

Como vemos, o cronista defendia as revistas de ano, um gênero altamente popular, e também diferenciava, dentro das revistas, aquelas em que visualizava “certa preocupação de arte”, de algumas “baboseiras” inqualificáveis.

A compreensão de que os gêneros teatrais populares têm qualidades e de que somente através deles Artur Azevedo conseguiria expressar-se plenamente não seria possível mediante as idéias literárias e teatrais circulantes à época. Como homem de teatro do século XIX, o autor, em consonância com os demais homens cultos de seu tempo, proclamava a tragédia e a alta comédia como as formas elevadas do fazer teatral. Contudo, seu ponto de vista era um pouco menos restrito, ao acreditar ser possível a convivência pacífica entre o teatro que agradava ao grande público e o chamado “teatro sério”.

8. O teatro moderno

Artur Azevedo comentava, também, as transformações relativas ao advento do teatro moderno. Conservador, adepto das teorias de Francisque Sarcey (1827 – 1899) — o mais importante crítico teatral francês do século XIX, cujas crônicas, publicadas no jornal parisiense *Temps*, chegavam ao Brasil com pouco tempo de atraso —, não aceitava as mudanças que se iniciavam na Europa e seriam responsáveis por severas rupturas na estrutura das formas dramáticas consolidadas. Tais transformações realizaram-se aos poucos, passo a passo, iniciadas por alguns dramaturgos e encenadores que não conseguiam exprimir os anseios e inquietações do homem moderno utilizando os padrões classicistas do teatro vigente.

Sem influenciar o teatro brasileiro daquele período, as novas idéias, que dariam origem ao que passou a se chamar “teatro moderno”, chegaram ao Brasil por meio da encenação de textos estrangeiros e pela excursão do encenador francês Antoine, um dos principais adeptos das inovadoras formas de fazer teatro, cuja companhia se apresentou no Rio de Janeiro em 1903. Lendo as crônicas da polêmica travada entre Artur Azevedo e Antoine, ou suas críticas aos dramas de Ibsen, encenados no Brasil pela companhia

portuguesa da atriz Lucinda Simões, em 1899, percebemos o quanto nosso crítico foi conservador em suas idéias e não compreendeu a importância das transformações, a exemplo do trecho a seguir:

O teatro, sendo mais difícil, é, talvez, um gênero de literatura inferior ao romance, porque está escravizado à convenção a que os meus colegas da Gazeta chamam “teorias acanhadas”. Acanhadas, sim, não nego; mas sem elas o teatro é impossível. Não há revolucionário capaz de fazer com que no palco se suprima uma parede, e os atores possam falar como se fala na vida real. Isso de impingir, sob o pretexto de revolucionar o teatro, símbolos que a platéia não percebe, longos monólogos e intermináveis diálogos que a fatigam, cenas desarticuladas, sem nexos, sem coesão, sem essa indispensável harmonia a que nos habituamos desde Molière, é coisa que só vingará quando se conseguir formar um público de esnobes. (AZEVEDO, 2009: 25/05/1899)

Não podemos, porém, condenar o posicionamento restrito de Artur Azevedo. As tendências modernas surgiam quando ele já consolidara uma carreira no teatro. Somente um espírito jovem ou à frente de seu tempo poderia compreender com facilidade as transformações, que aterrissavam em solo brasileiro vindas da Europa, sem chegar a influenciar a dramaturgia produzida aqui. Não tivemos nenhuma manifestação teatral ou escritor que se alinhasse ao naturalismo teatral de Antoine, tampouco que escrevesse peças simbolistas ou expressionistas de qualidade até o início do século XX. Se mesmo na Europa, berço dessas manifestações, havia opiniões contraditórias, era natural que Artur Azevedo não as compreendesse. Ele não foi um inovador, mas sim um homem de seu tempo, uma inteligência capaz de enriquecer culturalmente (e alegremente) a realidade de sua época.

9. Incentivador do teatro nacional

Para encerrar, não podemos deixar de comentar o papel de Artur Azevedo como animador da cena nacional, simbolizado pelas suas constantes campanhas para obter uma melhoria nas condições de vida e de trabalho dos artistas e para a valorização do teatro como expressão cultural e artística.

Por meio da leitura do rodapé, acompanhamos, por exemplo, o esforço do escritor para conseguir a construção do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A campanha, o realejo de A. A., esteve presente nos folhetins de *O Theatro* desde as primeiras crônicas até as últimas, quando a construção do edifício já se encontrava quase em fase de finalização.

Na concepção de Artur Azevedo, o Teatro Municipal não se limitaria a oferecer aos espectadores uma boa casa de espetáculos, mas seria, de fato, a criação de um espaço de renovação, onde se fixaria uma escola de teatro pública e uma companhia dramática

subvencionada pelo Governo, composta por artistas brasileiros, para a representação de peças nacionais. O sonho não chegou a ser concretizado inteiramente, apesar de algumas tentativas no decorrer do século XX, como a Escola Martins Pena e a Companhia Dramática Nacional, mas o Teatro está lá, e é um dos prédios mais belos do centro do Rio de Janeiro.

10. Finalizando

Dentro dos limites desse artigo, busquei apresentar rapidamente os assuntos tratados por Artur Azevedo em seus folhetins de *A Notícia*. Pela diversidade e quantidade de informações e pela durabilidade do rodapé, que abarca quatorze anos de um período de intensa atividade teatral, acredito que a publicação das crônicas venha iluminar uma parte importante de nossa história e, principalmente, ajudar a desvendar o papel fundamental representado por Artur Azevedo não só como comediógrafo, mas também como crítico e homem de teatro.

Bibliografia:

- AZEVEDO, Arthur, *O Teatro: crônicas de Arthur Azevedo* (organização de Larissa de Oliveira Neves e Orna Messer Levin). Campinas: Editora de Unicamp, 2009.
- CANDIDO, Antônio (org.), *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- FARIA, João Roberto Gomes de, *As idéias teatrais no Brasil: o século XIX*. São Paulo: Perspectiva, Fapesp, 2001.
- MAGALHÃES JUNIOR, R., *Artur Azevedo e sua época*. 4^a ed. São Paulo: Livros Irradianes S. A., 1971.
- MENCARELLI, Fernando Antônio, *A cena aberta: a interpretação de “O Bilontra” no teatro de revista de Artur Azevedo*. Campinas SP: Editora da Unicamp / Centro de Pesquisa em História Social e Cultura, 1999.
- NEVES, Larissa, *“O Teatro”: Artur Azevedo e as crônicas da Capital Federal (1894 – 1908)* – (Dissertação de mestrado. – IEL / Unicamp). Campinas, 2002.
- _____, *As comédias de Artur Azevedo: em busca da História*. (Tese de doutorado – IEL, Unicamp). Campinas, 2006.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda, *Carnaval das Letras*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1994.
- PRADO, Décio de Almeida, *História Concisa do teatro brasileiro*. São Paulo: Edusp, 1999.
- SUSSEKIND, Flora, *Crítica a vapor – a crônica teatral brasileira na virada de século*. in *Papéis Colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.